Ano XXIV — Lisboa, Fevereiro de 1968 — N.º 274

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga

PROBLEMAS DO NOSSO TEMPO — IV (Conclusão)

A CONTRIBUIÇÃO DO ESCOTISMO PARA PREVENIR A CRISE DA JUVENTUDE

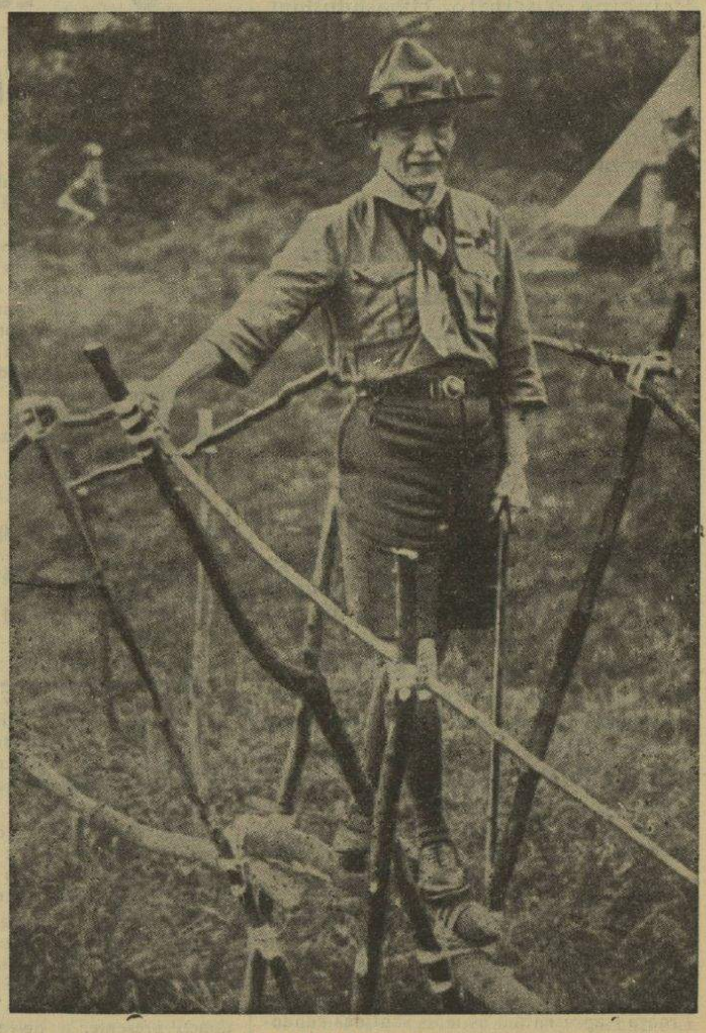
Por EDUARDO RIBEIRO

Para nos apercebermos das possibilidades do Escotismo na prevenção dos problemas da juventude, convém fazer rápida revisão das circunstâncias em que o Movimento surgiu. Baden-Powell, como chefe militar, teve ocasião de treinar, em diferentes continentes, sucessivas incorporações de jovens e pôde assim descobrir as incapacidades, ineficiências e falta de preparação de que estes davam constantes provas. Além disso, pelos seus contactos com outras civilizações, sobretudo com povos primitivos, verificou que os rapazes dessas civilizações atrasadas se preparavam melhor para corresponder às necessidades da sociedade em que se tinham de integrar, do que os chamados civilizados, que afinal iam entrar num mundo que exigia deles muito mais.

No regresso a Inglaterra, B.-P. mais se compenetrou de que a juventude estava sendo mal preparada. A vida cómoda, fácil, que se proporcionava à gente nova, a quem se evitavam todas as dificuldades e esforços, gerava uma juventude sem energias físicas e espirituais, sem força de vontade nem ideais. B.-P. previu assim a chamada crise da juventude e, como homem de acção, não foi capaz de ficar indiferente ao que ele considerou grave perigo para a sua pátria. Escreveu por isso uma série de sugestões destinadas ao treino e educação dos rapazes pelas associações de juventude então existentes, nomeadamente a *Boys Brigade* e as Associações Cristãs da Mocidade, sugestões que foram publicadas primeiramente em fascículos e depois constituíram o célebre livro *Scouting for Boys*.

Aconteceu, porém, que os rapazes, ao tomarem conhecimento daquelas sugestões, resolveram espontâneamente adoptá-las e constituíram-se em grupos, que se dirigiram a Baden-Powell a solicitar as suas instruções. E foi assim que o Fundador se viu guindado a Chefe dos Escoteiros.

Continua na pág. 5



BADEN-POWELL

DIA DO PENSAMENTO

No dia 22 do mês em curso comemorou-se mais um DIA DO PENSAMENTO, isto é, o dia do aniversário do Fundador.

Nestes tempos conturbados, em que as ameaças de guerra, ou mesmo guerras autênticas, pesam sobre as nações, vale a pena lembrar o que disse B.-P. sobre a camaradagem escotista. Diz o Fundador:

> «No presente, no mundo inteiro, os Escoteiros vão em grande número visitar irmãos-escoteiros doutros países, de sorte que estes homens de amanhã vão crescendo num espírito de compreensão mútuo, como camaradas e não como outrora, em que se encaravam com desconfiança e aversão. Como consequência, é muito possível que eles jamais queiram guerrear-se.
>
> «Assim, trabalhamos para a paz do mundo».

Que melhor meditação poderíamos encontrar para o DIA DO PENSAMENTO deste ano de 1968?

"ONCE A SCOUT ALWAYS A SCOUT"

É bem conhecida esta sentença do Escotismo na qual se afirma que aquele que uma vez prestou promessa como Escoteiro, escoteiro para sempre ficou. E a tradução portuguesa UMA VEZ ESCOTEIRO, SEMPRE ESCOTEIRO é a mais fiel ao sentido original, porque não afirma apenas que o Escoteiro permanece Escoteiro toda a vida, mas SEMPRE, em todas as ocasiões e em todos os lugares.

Esta frase tem sido erradamente atribuída a Baden-Powell. Ainda recentemente, no elogio feito a brilhante jornalista de Lisboa, esta frase foi citada como aplicável à profissão de jornalista e atribuída a B.-P. É certo que o Fundador a adoptou e fez uso constante dela, mas tinha sempre o cuidado de esclarecer que pertencia a Lorde Kitchner.

No livro *Scouting Round the World*, conta-se que por ocasião da coroação de Jorge V, quando o Movimento Escotista estava já organizado no Japão, esteve em Londres o General japonês Maresuke Nogi, como ajudante do Príncipe Yorihito Higashifushini, tendo sido aquele apresentado a B.-P., como o defensor de Porto Arthur, ao defensor de Mafeking, por Lorde Kitchener, que acrescentou: «*Once a Scout, always a Scout*», frase que permaneceu como *slogan* até aos dias de hoje.

Portanto, *a César o que é de César*. Foi Lorde Kitchner o autor.

DOS AMIGOS DE «SEMPRE PRONTO»

DE LUTO — Na madrugada de 30 de Janeiro passado, faleceu na cidade da Beira, onde residia com sua filha a Sr.ª D. Maria Teresa M. de Sousa Pereira Jardim, a Sr.ª D. Isaura de Almeida Costa Monteiro de Sousa, que contava 73 anos de idade. A finada era viúva do sr. Carlos Augusto Monteiro de Sousa, que foi tesoureiro da Região de Lisboa dos Escoteiros de Portugal e figura muito estimada por todos que com ele privavam.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério de Santa Isabel naquela cidade, tendo-se incorporado, além de grande número de individualidades civis e militares e muito povo, o Grupo de Escoteiros de Portugal anexo à Lusalite.

À Sr.ª D. Maria Teresa P. Jardim e a seu esposo, o nosso amigo Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim, bem como aos filhos do estimado casal, todos os que trabalham em «Sempre Pronto» apresentam as mais sentidas condolências.

NOVOS ASSINANTES

Continua a Campanha

Chegaram dois novos assinantes: os srs. António José Barbosa, do Porto, e Fernando Gomes Carrão, de Lisboa, a quem endereçamos os nossos agradecimentos. Mas são precisos muitos mais. Quem nos ajuda?

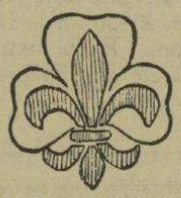
* * *

O sr. Armando Vasco Reis Dinis comunicou-nos a sua adesão à categoria de Patrocinador. É mais um patrocinador a acrescentar à relação destes nossos amigos dedicados.

Também nos enviaram a importância da sua assinatura de patrocinadores os nossos amigos sr. Carlos Alberto Filipe e sr.ª D. Maria do Carmo Martins.

Os nossos amigos srs. Prof. Dr. João Faria Lapa, Paulo Maurício e Benvindo Frazoa tiveram a amabilidade de nos enviar a importância de 100$00 de sua quota de patrocínio.

A todos, o nosso sincero muito obrigado!



ANTIGOS ESCOTEIROS

As reuniões da Tertúlia

Chamamos a atenção de todos antigos escoteiros, sócios, ou não, da Fraternal, para as reuniões da «Tertúlia» que, mensalmente, e no dia 23, se realizam pelas 20 horas num restaurante da Rua de S. Paulo, n.º 170, em Lisboa.

Nessas reuniões, para as quais não é necessária inscrição prévia, os «antigos» podem tomar uma refeição num ambiente de boa camaradagem, nìtidamente escotista, relembrando os bons tempos de outrora e preparando iniciativas para cooperar no fomento escotista em Portugal.

Todos os «antigos» são ali bem-vindos e podem — ou devem — fazer-se acompanhar das pessoas de sua família.

Uma reunião em Londres de participantes na 7.ª Assembleia Geral de Antigos Escoteiros e Guias

Na Casa de Baden-Powell, em Londres, realizou-se no passado 27 de Janeiro, uma reunião de membros da última assembleia geral e acampamento de amizade dos Antigos Escoteiros, que se efectuou em Durham, Inglaterra, em Julho passado, e no qual o nosso país esteve representado.

Estiveram presentes companheiros e companheiras de Londres e de outros pontos da Grã-Bretanha, bem como o nosso companheiro sr. Daniel Correia e sua esposa.

Foi projectado um filme das várias sessões e outras actividades daquela memorável assembleia, assim como os interessantes *slides* do nosso companheiro Wolf Karl. Como o sr. Daniel Correia era o único participante não britânico presente, a delegação portuguesa foi muito lembrada e saudada com simpatia.

O Concurso de Encadernações

Alargado o prazo para a entrega dos trabalhos

Já se encontram em nosso poder as encadernações feitas pela Patrulha LOBO do Grupo 44, de Vila Nova de Gaia. Foi o primeiro e o único trabalho recebido até à hora em que escrevemos estas linhas.

No entanto, satisfazendo pedidos que nos foram dirigidos por parte de algumas das patrulhas concorrentes, foi decidido alargar o prazo de recepção dos trabalhos até o dia 31 de Março p. f.

Este alargamento de prazo é uma concessão excepcional, atendendo à natureza e ao volume de trabalho a realizar.

Atingido o dia 31 do próximo mês, a recepção dos trabalhos será IRREVOGÀVELMENTE fechada e os trabalhos que então estiverem em nosso poder entregues ao Júri para estabelecer a classificação.

Aos concorrentes importa agora não perder tempo e não guardar a conclusão do trabalho para a última hora.

Mão à obra!

A Patrulha LOBO do «44» deu exemplo! Que as outras saibam aproveitar a lição.

Senhor, não nos deixes viver para sermos inúteis.

Oração de JOHN WESLEY

Quem não se sente...

• UMA CARTA DO SR. DR. ROQUE LAIA

A propósito de um comentário aqui feito a afirmações do Sr. Dr. Roque Laia, numa palestra realizada no Grupo de Campismo «Estrela», recebemos daquele conhecido advogado. com o pedido de publicação, uma carta que a seguir transcrevemos na integra:

Lisboa, 15 de Janeiro de 1968

Senhor
Director do Jornal «Sempre Pronto»
Travessa Vitorino de Freitas, 9
LISBOA-3

Senhor Director:

Remetido por pessoa desconhecida recebi, entre o meu correio de hoje, o n.º 272 do Jornal «Sempre Pronto» do qual V. é (...) Director.

Dispunha-me a guardar a sua leitura para um momento de menos trabalho, quando. a nota a vermelho — «pág. 3» — escrita no cimo da primeira página, despertou a minha habitual e incorrigível curiosidade.

E fui ver a página três.

Nela, sob o titulo «Quem se não sente...» e o subtítulo «Perdão, Sr. Doutor, mas... afinal estamos de acordo...» encontrei um comentário à palestra que sobre campismo fiz na sessão comemorativa do 25.º aniversário do Grupo Estrela.

Nesse comentário, assinado (?) com as iniciais M. G. se afirma, entre muitas outras coisas inexactas que eu, nessa palestra, «coloquei o Escotismo em plano verdadeiramente deprimente demonstrando, acerca deste uma completa ignorância».

Aceito a «ignorância», — pois, bem contra vontade minha, sou muito mais ignorante do que desejava ser; rejeito, contudo, a afirmação de que seja completamente ignorante sobre o Escotismo, pois, dele sei o bastante para não ser, sobre ele «completamente ignorante».

De resto, creio que não será «completamente ignorante» sobre Escotismo, qualquer pessoa de mediana cultura.

Além disso, ainda seria inacreditável que eu, aluno dum liceu onde havia um grupo de escoteiros, — já lá vão 54 anos!! — professor de instrução primária no que foi — ao tempo — o primeiro estabelecimento de ensino do País, sendo, também, professor do ensino liceal, tivesse sobre Escotismo «completa ignorância...».

Felizmente, de entre as poucas coisas de que me orgulho, está a de nunca me ter sentado frente a uma classe, ou de um qualquer outro auditório, sem me sentir, sabedor e conhecedor dos assuntos a versar.

E os livros de classe traziam, nessa época, um trecho sobre «escotismo...».

Mas não posso — nem quero — deixar de repelir, veemente e indignadamente, a infundada e falsa afirmação (feita não sei com que intuito) de ter eu, naquela palestra proferida na sede do Grupo Estrela — ou em qualquer outra parte — colocado o Escotismo «em plano verdadeiramente deprimente».

Essa afirmação só pode resultar de o autor do comentário não ter lido a palestra que eu fiz, ou o extracto que dela gentilmente publicou o Boletim «Companheiros» — n.º 23 — Setembro de 1967.

Nessa palestra disse — a propósito do Escotismo e da Instituição Mocidade Portuguesa de que me servi como elementos de comparação — e o Boletim «Companheiros» no seu referido n.º 23 de Setembro de 1967 e o Boletim «Estrela» n.º 133, de Julho e Outubro de 1967, transcreveram:

«Reparem, Senhoras e Senhores, que eu «não estou diminuindo o significado, nem «sequer avaliando ou criticando, a actua«ção dessas actividades».

«Algumas delas — como a do Escotismo «por exemplo — são de objectivos que me «merecem o maior respeito e consideração».

Depois de eu ter dito — com toda a justiça — que os objectivos do Escotismo «me merecem o maior respeito e consideração», depois de o Boletim «Companheiros» que M. G. cita no início do seu comentário ter transcrito esses dois períodos, afirmar-se que eu coloquei o Escotismo em plano verdadeiramente deprimente, não me parece estar de harmonia com a moral escotista...

Mais haveria a dizer acerca de outros pontos abordados no referido comentário.

Mas esta resposta não é para M. G.

É para os leitores de «Sempre Pronto».

Discordo de certos aspectos e tendências que hoje, entre nós, se dão ao Escotismo.

Porém, tenho o maior respeito e consideração pelos princípios do Escotismo, embora discorde da meta que, no final do seu referido comentário M. G. lhe dá, a qual, apesar da ignorância que ele me quer atribuir, sei não ser a finalidade do Escotismo, movimento internacional, aberto a todos e não só a estes ou àqueles.

Afinal... não estamos de acordo...

Eu gosto de que as minhas opiniões sejam discutidas; gosto de as ver contraditadas e refutadas; mas, não gosto de as ver deturpadas.

Se eu julgasse meu dever dizer mal do Escotismo e quisesse dizê-lo, di-lo-ia, com clareza, frente a todas as opiniões contrárias, pesasse a quem pesasse.

Não tendo dito, não tendo, nem querendo colocá-lo em plano diferente daquele em que ele deve ser colocado, desejo que esta minha carta seja publicada no mesmo local em que o foi o errado e infundado comentário.

Crente que, para tanto me basta solicitar a V. essa publicação, pedindo desculpa do espaço que fui obrigado a roubar ao «Sempre Pronto» subscrevo-me, com a maior consideração,

De V.

Muito atentamente

a) M. Roque Laia

Começamos por esclarecer o Sr. Dr. Roque Laia que o número de «Sempre Pronto», que diz ter encontrado no seu correio *enviado por mão desconhecida*, lhe foi remetido por esta redacção, de acordo com a ética escotista que nos orienta, uma vez que a sua pessoa fora visada nestas colunas.

Da leitura da sua carta, registamos com simpatia o conhecimento que declara possuir da existência do Escotismo, pelo que, sem qualquer esforço e até com a melhor boa vontade, retiramos do nosso comentário a expressão de «completa ignorância» que lhe atribuíramos em matéria escotista.

Não abdicamos porém da razão de ser do que escrevemos e, sem pretendermos entrar em polémica com o ilustre advogado, cuja prestigiosa figura no foro de Lisboa muito respeitamos, desejamos apenas reproduzir aqui, tomando por base o que lemos em «Companheiros», algumas das suas afirmações que nos impressionaram desagradàvelmente e que foram a causa do nosso protesto.

Lê-se na referida revista:

«Acampar é uma prática antiquíssima e uma exigência imposta pelas exigências da vida nómada, sendo, consequentemente, acto que qualquer um pode praticar e até praticar com indiferença, por mero acaso resultante da força das circunstâncias, ou da necessidade de estacionar e de ter um abrigo durante esse estacionamento.

«É assim que acampam os indivíduos de raça calé — os ciganos como vulgarmente dizemos — é assim que acampam... os peles-vermelhas e várias tribos de raça negra; é assim que acampam os militares... os caçadores... os armadores de pesca... os turistas, etc.

«Acampar é uma coisa, «fazer campismo» é outra e bem diferente.

«É por isso que nem todos que acampam «fazem campismo»; é por isso que nem todos que põem às costas um saco com uma tenda e os demais objectos necessários são campistas...

«É por isso que me insurjo quando oiço dizer que o escutismo é campismo ou que os escuteiros fazem campismo... *que se faz campismo pelo mero facto de se ficar instalado nas barracas dos campos de férias criados por alguns organismos.*

«E também não é só a característica para-militar do escutismo... que me faz negar o carácter de campistas a essas actividades.

«Não!

«Todos esses outros... acampam porque se estão deslocando e nada mais».

Também lemos que o conferente afirmou *«que não estou diminuindo o significado, nem sequer avaliando ou criticando a actuação dessas actividades»* e que *«algumas delas — como a do escutismo por exemplo — são de objectivos que me merecem o maior respeito e consideração»*, todavia, estas palavras foram por nós interpretadas apenas como *convenientes*, já que as afirmações anteriores, bastante mais concretas, nos davam uma ideia de que quem as usava não conhecia o Escotismo senão o suficiente para o colocar numa infeliz comparação com uma actividade desportiva, que muito apreciamos, mas que não é mais do que uma simples actividade desportiva, ainda que revestida de todas as virtudes que o Sr. Doutor pretendeu atribuir-lhe.

Aliás o nosso comentário, que pretendemos dirigir ùnicamente às ideias expostas que não à pessoa do conceituado conferencista, facto que a sua carta parece querer desvirtuar, pretendia enquadrar-se no ponto de vista da própria revista «Companheiros», onde se lia na nota redactorial que encimava a palestra a que nos vimos referindo:

«Respigamos algumas das ideias expostas... embora reconheçamos que algumas poderiam dar origem a muito útil e esclarecedora discussão».

Finalmente, também nós discordamos de alguns aspectos e tendências que hoje, entre nós, se dão ao Escotismo, mas isso não obsta a que confiemos na meta que lhe atribuímos e que a sua universalidade e sobrelevado ideal plenamente justificam.

M. G.

BRAVO...

«SEMPRE PRONTO»

Sob esta epígrafe, publica no mês corrente a revista «Flor de Lis», a seguinte local:

«Sob o título de «Quem não se sente... Perdão, Sr. Doutor, mas afinal estamos de acordo», publicou o nosso irmão «Sempre Pronto», órgão da AEP, e escrita pelo seu redactor Mariano Garcia, uma brilhante defesa do escutismo, que havia sido (mais uma vez!), mal compreendido, e de certo modo atacado, numa palestra proferida pelo Sr. Dr. Roque Laia no Club de Campismo de Lisboa.

«Bravo!!! «Sempre Pronto», inteiramente solidários convosco, aqui vos enviamos um ARRAIAL!

«A EQUIPA LIS»

Agradecemos aos nossos irmãos-escoteiros da «Flor de Lis» a simpática manifestação de solidariedade.

FILATELIA

Por Mendes Marques

S. JORGE — PATRONO DO ESCOTISMO

Um leitor desta rubrica pediu-me a minha opinião sobre os selos emitidos com a efígie de S. Jorge, referindo-me uma informação que lhe havia sido prestada por um prestigioso filatelista, informação essa respeitante a um razoável número de selos catalogados.

Na verdade, tem pertinência aquele pedido, já que os selos existentes poderão confundir alguns temáticos escotistas e, inclusive, colocarem-nos na sua colecção.

Limito-me a uma opinião pessoal, aliás condizente com a de alguns mestres temáticos, já que há quem entenda coleccionar segundo os seus gostos e ideias, mas, por vezes, não obedecendo ao tema. Dentro desse critério não devemos estranhar que haja coleccionadores que, ao lado de selos e carimbos válidos, coloquem vinhetas e selos «marginais», como é o caso da maioria dos selos sobre S. Jorge.

Desde os tempos do Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda até aos nossos dias, S. Jorge tem sido invocado como patrono das mais diversas Associações. A própria Inglaterra o tem como patrono e entre as suas condecorações figura a Cruz de S. Jorge.

Várias administrações postais têm feito figurar em algumas das suas emissões aquele Santo, quase sempre na forma como é conhecido, isto é, no combate com o dragão.

A primeira foi a Tasmânia que, em 1863, emitiu 4 selos fiscais e que em 1882 passaram a circular para uso postal. Vitória, Rússia, Rússia-Geórgia, Bélgica, Dantzig, Checoslováquia, Nova Zelândia, Ilhas Cook, Niue, Samoa, Bermudas, Alemanha, Inglaterra e Suécia emitiram posteriormente selos postais com a figura de S. Jorge, quer a cavalo, quer a pé.

Serão estes selos de considerar na temática escotista? NÃO. A sua emissão não obedeceu a quaisquer sentimentos escotistas e, como tal, não se compreenderia a sua inclusão.

Dos selos «marginais» — selos que têm uma certa relação com o escotismo ou actividades afins — poderemos abrir uma excepção para a série Yvert 570/580 da Roménia, comemorativa do 9.º aniversário da subida ao trono do rei Carlos II, emitidos em 8/6/939. A sobretaxa fixada nos primeiros 7 valores destinou-se aos fundos da STRAJA TARII (Defensores da Pátria), organização estatal que havia sucedido ao Escotismo, cujo chefe nacional era o próprio rei.

Até hoje apenas 2 selos com a efígie de S. Jorge foram dedicados ao Escotismo.

Em 1960, a Grécia emitiu uma série de 8 selos — Y. 705/12 — para comemorar os 50 anos do escotismo grego. O primeiro da série apresenta em primeiro plano um escoteiro montando um cavalo e investindo sobre o dragão. Em 2.º plano, sombreado, surge-nos S. Jorge como uma indicação do seu exemplo na luta contra o mal, simbolizando os altos ideais que norteiam o Escotismo. Foi posto a circular em 23/4/960 (Dia de S. Jorge), tendo validade sòmente até 22 de Outubro do mesmo ano. Foi também editado um sobrescrito (FDC) apropriado.

Em 22/4/961, a Alemanha Ocidental, para homenagear os seus escoteiros, emitiu um selo de 10 pf., verde, desenhado por E. Ege, baseado num quadro da autoria de Baden-Powell. O selo — Y. 219 — circulou até 31/12/962, traduzindo-se a respectiva inscrição por «S. Jorge — santo patrono dos Escoteiros».

A marcofilia também não esqueceu a sua figura, pois vários são os carimbos que a ostentam: A Suécia em 12/7/946 (Gransolagret)*, 27/7/946 (Sparreholm), 25/6/947 (Orebro), 19/7/947 (Dolslagret), 1/8/948 (Olofsborgslagret), 28/6/950 (Frykslagret), 31/7/950 (Ava-Tyr) e 16/7/960 (Sandhem), tem sido o país que mais carimbos lhe dedicou. A Áustria em 1961 — Jubileu dos Escoteiros de Viena —, e a Argentina em 19/7/963 — Escotismo e filatelia —, apresentam-nos 2 sugestivos carimbos com a tradicional figura de S. Jorge.

* Lagret — Acampamento.

* * *

Em Portugal, infelizmente, escasseiam as fontes de informação que nos possam fornecer certos dados sobre o movimento no mundo e que, relacionados com selos ou carimbos comemorativos, possam ser úteis na legendação das nossas colecções, um dos pontos básicos duma colecção temática.

Por isso, agradeço a todos os escoteiros que, possuindo revistas estrangeiras, as possam facultar para consulta na certeza dum grande benefício para todos os que coleccionam o tema Escotismo.

FILATELIA TEMÁTICA

Como mero folguedo, direi, se me é permitido ter momentos de folga, fiz há tempos, sobre o joelho, uma coisa a que chamei «poemeto filatélico». E depois... um segundo e um terceiro. É como o apetite e os pruridos, lá diz o velho ditado. Não senti que tivesse obtido qualquer êxito, se não o do meu proveito em folgar. «Filatelista prático» fui-o aos doze anos, onde isso vai! chegando a ter o D. Pedro V de cabelos lisos e o de cabelos crespos. Autênticos! Mas os de D. Maria eram contrafacção, soube-o depois. Vendi tudo, uns poucos milhares, por dez mil réis (fortes); mas não vendi o que aprendi em matéria histórica, geográfica e naturalista; e o que gozei com a observação de alguns espécimes (poucos, nesse tempo).

Mas se *filatelia* é uma arte... e um comércio, *filatelismo* será o apego a essa arte e a convicção da sua utilidade pedagógica, ao serviço dos mestres. Nessa ordem de ideias, parece-me que a coleccionação temática é de grande utilidade; e aquilo que eu escrevi brincando, acerca de alguns selos recentes nossos, visa esse aspecto da actividade filatélica, a um tempo lúdica e didáctica.

Deixo convosco estes modestos pensamentos.

Eduardo Moreira

VI Poemeto filatélico

(diante do selo comemorativo da «Conférence Européenne des Administrations des Postes et Télécommunications»)

II

Somos necessária cena
Duma Europa rumorosa
Onde há grandes e pequenos;
Engrenagem poderosa
Cuja roda mais pequena,
Porventura a mais mimosa,
Nem por isso é de somenos!

EDUARDO MOREIRA



HÁ 20 ANOS

"SEMPRE PRONTO"

PUBLICAVA:

Palestras com um Guia

Não esqueças que um Guia é primeiro um bom Escoteiro. Trabalha pois para obter mais insígnias de capacidade, para substituir a tua insígnia de 2.ª classe por outra de 1.ª, faz a tua B. A. diária. Porque de agora em diante serás o exemplo de teus irmãos.

Tem fé e entusiasmo. Nada se consegue no Escotismo sem estas virtudes. Entusiasmo em tudo quanto empreendas. Fé absoluta na tua Patrulha. Sê um convicto de que a tua Patrulha pode fazer grandes coisas, e ela as fará.

William Hillcourt, um Velho Lobo americano, disse que uma Patrulha é como um comboio. O Guia ocupa o lugar da locomotiva. Se esta marcha, todo o comboio avança. Se a locomotiva falha e pára, o comboio fica estacado. E se a locomotiva perde a sua rota e sai dos carris, todo o comboio acaba em catástrofe. Tu, novo Guia, serás a locomotiva de um comboio, que deve chegar pronto e bem ao seu destino.

Todo o melhor que há em ti, terá de ser posto ao serviço da Patrulha. Os oito, ombro com ombro, terão de marchar sempre em frente pelo caminho powelliano, levando gravado no coração o lema universal das patrulhas: TODOS POR UM, UM POR TODOS.

Não duvides um só momento de que, procedendo assim, vosso totem se encherá rapidamente de troféus.

ENRIQUE GENOVÉS

A CONTRIBUIÇÃO DO ESCOTISMO PARA PREVENIR A CRISE DA JUVENTUDE

Continuação da pág. 1

O *Scouting for Boys*, que se tornou o livro-base da actividade escoteira, propunha uma série de exercícios e jogos, através dos quais o rapaz desenvolvia os seus dons, treinando aptidões, desenvolvendo os sentidos, revigorando o corpo e o espírito e adquirindo, a pouco e pouco, noção de disciplina pessoal, hábitos de lealdade e espírito de iniciativa. Tratava-se, afinal, de uma autêntica preparação para a vida, corrigindo aquelas deficiências que B.-P. pressentira. Mais tarde, Roland Philipps trouxe ao Escotismo uma valiosa contribuição, sugerindo o chamado Sistema de Patrulhas, que B.-P. entusiàsticamente adoptou. Pelo sistema de patrulhas era dada uma responsabilidade a cada rapaz, cuja actividade se desenvolvia num pequeno grupo onde o adulto não intervinha e onde, a par da formação individual, o escoteiro se treinava na vida comunitária. Sobretudo, o rapaz que, através dos diferentes cargos de patrulha, alcança a categoria de *guia*, recebe excelente formação de chefe e prepara-se eficientemente para dirigir homens nas futuras actividades sociais.

Mas, principalmente, o Escotismo visa formar o carácter do rapaz. O próprio B.-P. constantemente avisara: *Para o êxito de um homem na vida, o carácter é mais essencial que a erudição.* Tudo no Escotismo contribui para este objectivo. Procura-se que o rapaz encontre no ideal de SERVIR o sentido para a vida, adquira disciplina voluntária e um sentimento de confiança própria, que o torne imune à frustração e predisponha a trabalhar pelo bem comum.

Fàcilmente se aceita que o Escotismo só poderia exercer eficiente acção no problema da juventude se a sua influência se estendesse a vastas camadas das populações jovens. Pelo menos no nosso país, isso não acontece. Trata-se de um Movimento que oferece colaboração à Família e à Escola para ajudar aquela na tarefa educativa e proporcionar a esta um campo de aplicação e treino dos conhecimentos aí obtidos. Porque o Escotismo, convém sublinhar, não tem em vista corrigir personalidades sofrendo já de perturbações emocionais, mas antes procura formar, pouco a pouco, o carácter das crianças e adolescentes que se lhe entregam. Não se pode, por isso, esperar do Escotismo qualquer solução para o problema dos jovens transviados. No que ele poderá ser realmente útil é em prevenir esse problema, preparando para a vida os rapazes que passam pelas suas fileiras.

O Chefe Escoteiro não pode, portanto, distrair a sua atenção do objectivo do Escotismo — a formação do carácter — obra que tem de exercer junto de cada rapaz, e tão importante é essa preocupação que o Fundador afirmava *que a sua experiência pessoal lhe ensinava que ele próprio não podia educar individualmente mais de 16 rapazes. No entanto, na suposição de que possuía metade das capacidades de um educador experimentado, admitia que este pudesse ocupar-se de 32. Pode-se instruir um número qualquer de rapazes, um milhar de uma vez se se possuir boa voz e métodos atraentes e meios disciplinares. Mas isso não é educação. A educação é que conta para a formação do carácter, para fazer homens.*

Devemos reconhecer que o Escotismo tem obtido admiráveis resultados no limitado número de jovens que têm passado pelas suas fileiras, embora nem sempre os Grupos de Escoteiros estejam bem esclarecidos acerca do grande objectivo — a formação do carácter do rapaz. Muitos chefes, deslumbrados pelos processos de trabalho de outras organizações juvenis, enveredam pela imitação servil do que outros fazem. Ora o Escotismo só tem razão de existir se for realmente Escotismo e torna-se um movimento inútil se pretender realizar aquilo que outros podem conseguir com muito mais facilidade.

Se lançarmos um olhar retrospectivo para os sessenta anos de Escotismo em Portugal, mesmo na sua reduzida esfera de acção, verificaremos que apenas perdura o que teve real valor, a formação de personalidades, trabalho bem patente no testemunho dos «Antigos». O resto, toda a obra de fachada, se esvaiu na memória mesmo daqueles que nela participaram.

Esta lição dos factos ensina-nos que no momento presente só um trabalho poderá interessar ao Escotismo: A formação do carácter dos adolescentes, inspirando hábitos de disciplina, ideais de generosidade e abnegação, sentido para a vida e treino para assumir responsabilidades sociais assim que atingirem a maturidade. É exactamente a carência destes sentimentos que conduz a mocidade ao estado de frustração em que se debate.

Concluindo, diremos: O Escotismo poderá contribuir eficazmente para prevenir o problema da juventude transviada se, primeiramente, se encontrar a si próprio, concentrando todos os esforços no aproveitamento do rapaz; depois se a Fanília e a Escola quiserem lançar mão desse extraordinário instrumento educativo que se coloca à sua disposição.

Comandante António Tengarrinha Pires

Em Janeiro passado e após ter terminado, conforme noticiámos, a sua comissão de serviço em Angola, o sr. capitão-de-fragata António Tengarrinha Pires, Escoteiro-Chefe-Geral dos Escoteiros de Portugal, foi distinguido com a medalha militar (de ouro) de Serviços Distintos, devido à forma invulgarmente meritória como desempenhou a muito importante, complexa e difícil função de chefe do Estado-Maior do Comando Naval de Angola.

No louvor em que se fundamentou o agraciamento do sr. capitão-de-fragata Tengarrinha Pires indica-se que ao longo da sua comissão foram postas duramente à prova as suas excepcionais qualidades. Assim, logo a princípio houve que reexaminar profundamente a situação, em ordem a fazer-se face a ameaças, apenas com os meios materiais e humanos de que se dispunha. O seu alto sentido de dever e de devoção pelo serviço, permanente entusiasmo e dinamismo e os seus dotes intelectuais, competência e espírito de cooperação permitiram o lançamento das fundações de um dispositivo das forças de Marinha totalmente novo e que é o actual. De seguida, houve que levar a efeito a profunda remodelação do antigo dispositivo e instalar a Marinha nos principais rios. As muito boas relações estabelecidas com os Estados-Maiores dos outros ramos das Forças Armadas e com todos os camaradas foram também altamente proveitosas para o rendimento do trabalho. Finalmente, mercê da sua grande força de vontade, foi o principal obreiro de planos de operações que representam valioso contributo para o aumento do rendimento operacional das forças de Marinha em Angola. Dada a forma verdadeiramente invulgar como se desempenhou das suas funções de chefe de Estado-Maior, no estudo, fidelidade, interpretação e execução das directivas e decisões do seu comandante, se passou o louvor ao sr. capitão-de-fragata Tengarrinha Pires e se consideraram os seus serviços como distintíssimos, altos e relevantes.

Os Escoteiros de Portugal sentir-se-ão honrados com a merecida distinção conferida ao seu Chefe-Geral, que o impõem à admiração de todos os seus subordinados.

Intercâmbio Epistolar Escotista

Outros escoteiros estrangeiros que querem trocar correspondência com jovens portugueses:

— Rogélio Salgado Lopez
C/ Sta. Clara, 4
Monforte de Lemos
LUGO (Espanha)

— José de Paz Lopez Nóvoa
Arzobispo Lago, 4-6 — 4.º dt.º
LA CORUÑA (Espanha).



Um Escoteiro algarvio praticou actos de heroísmo em Algés

O caso sucedeu já há tempos, na noite fatídica de 25-26 de Novembro. Mas só agora foi conhecido o nome do protagonista destes acontecimentos.

O seu nome é Vítor Hugo Sintra Lima Pereira, natural de Lagoal, escuta do C. N E. em Silves que no passado ano foi galardoado com o prémio da Operação *Non Plus Ultra*, por ter salvo um homem de morrer afogado, na Praia de Armação de Pêra

De novo o Vítor Hugo se tornou notado. Em Algés, (ao pescoço um lenço de escoteiro) salvou de morrer afogadas várias pessoas — entre elas crianças pequenas e pessoas de idade que, sem o seu auxílio, seriam arrastadas na corrente. A toda a noite se estendeu a sua acção. No dia seguinte, foi ele que tomou conta do trânsito, e todos obedeciam ao escoteiro de lenço ao pescoço.

Finda a missão, o Vítor desapareceu, mergulhou no anonimato. Várias pessoas diziam: «Nunca mais vi o escoteiro que me salvou a vida».

Um grupo de escoteiros de Lisboa conseguiu apurar o nome do jovem herói, hoje com 18 anos, a estudar no Instituto Comercial de Lisboa, e, em extensa carta, comunicou o que foi a sua acção, naquela noite escura e lamacenta.

GRUPO N.º 6—OLHÃO

Visita de Escoteiros ao Asilo dos Velhos

Reatando humanitária tradição, os escoteiros do Grupo n.º 6, na tarde de 31 de Dezembro findo, visitaram os internados no Asilo de Velhos e Inválidos, no intuito de lhes proporcionar uma hora de recreio e de lhes provar quanto respeito e carinho lhes merecem a velhice e a invalidez.

Foram recebidos pelo Provedor da Misericórdia, sr. Alfredo Fonseca e directores srs. João Santana e Joaquim Gama, acompanhados de suas famílias. Esteve presente o sr. Alfredo Galvão, presidente do Município de Olhão, e sua esposa que, espontâneamente, quiseram assistir à simpática festa.

Os escoteiros, animadamente, exibiram os seus jogos e chistes de acampamento e entoaram canções alusivas à quadra de Natal-Ano Bom e outras, patrióticas ou características e, no intervalo distribuíram guloseimas às velhinhas e cigarros aos velhinhos.

Por último, o escoteiro-chefe sr. João Trigueiros dirigiu a todos os internados uma saudação e agradeceu aos membros da Mesa da Santa Casa terem permitido aos escoteiros a realização da Boa Acção colectiva, tendo o sr. provedor louvado a manifestação de solidariedade levada a efeito pelos Escoteiros de Portugal.

O 43.º Aniversário do Grupo

No dia 4 deste mês, realizou-se, à tarde, no salão de festas da Sociedade Recreativa Olhanense, uma sessão comemorativa do 43.º aniversário do Grupo 6, durante a qual prestaram compromisso de honra os aspirantes da patrulha constituída na Fuseta.

A cerimónia suscitou grande interesse da parte de todos os presentes, tendo tido a presidência do sr Ferro Galvão, presidente da Câmara Municipal de Olhão.



O Escotismo através do Mundo

O VI Festival Mundial do Filme Escotista

Durante a segunda quinzena deste mês, realizou-se em Veneza, na Itália, o VI Festival Mundial do Filme Escotista.

Em conformidade com notícias que recebemos deste certame, sabemos que, em princípios do ano corrente, já estavam inscritos 27 filmes, provenientes dos seguintes doze países: Inglaterra (6), Estados Unidos (5), Alemanha Ocidental (4), Itália (3), França (2) e Canadá, Israel, Argélia, Suécia, Nigéria, Áustria e Irlanda (1 cada).

Neste Festival, foi criado o prémio internacional «Baden-Powell», em homenagem ao fundador do escotismo.

Foi aprovada a filiação do Grupo de Queluz que recebeu o n.º 23

A Direcção dos Escoteiros de Portugal aprovou o processo de filiação do Grupo de Queluz, que recebeu o n.º 23. A Direcção desta unidade é presidida pelo sr. Capitão António Gomes Rocha, sendo Escoteiro-Chefe o nosso amigo sr. Justino Estêvão da Silva, secretário-geral adjunto da A. E. P., e Subchefe o sr. João Fulberto Silva.

A nova unidade, que, ainda em organização, se revelou brilhantemente em diversas actividades em que participou, conta com um bom grupo de entusiastas escoteiros, que se encontra animado dos melhores propósitos.

Por ocasião da partida para a Guiné do sr. Almirante Henrique Tenreiro, presidente dos Escoteiros de Portugal, que fez parte da comitiva do Presidente da República, o Grupo de Queluz esteve no cais de Alcântara a apresentar-lhe cumprimentos de despedida.

DO ENTRONCAMENTO

Despedida de um escoteiro do Grupo n.º 84, que parte para o Ultramar no cumprimento do serviço militar

No dia 12 de Janeiro passado, o Grupo n.º 84 reuniu-se para afectuosamente se despedir do seu chefe de Alcateia, Vítor Manuel André Rodrigues Bertelo, que ia partir para o Ultramar, no cumprimento do serviço militar.

Antes da festa, o homenageado e todos os lobitos e escoteiros visitaram o Presidente do Grupo, sr. José Duarte Coelho, a quem o Chefe Bertelo apresentou as suas despedidas.

Novamente na sede, o Chefe Aníbal Horta referiu-se à partida do irmão-escoteiro, ao qual desejou aos maiores felicidades no desempenho da sua patriótica missão. Também o Subchefe Manuel Folgado dirigiu palavras de estímulo e amizade ao seu companheiro. O chefe do grupo entregou-lhe depois uma lembrança com motivos escoteiros, adquirida por todos os membros do Grupo, oferta que muito sensibilizou o Chefe Bertelo.

A terminar, e depois de um lanche, os Escoteiros animaram a festa com canções do seu reportório escotista. — C.

Opinião dos Leitores

«Cada um tem direito à sua opinião»

Quando nos anima a vontade de servir, sem outra intenção que não seja servir, surgem, pela graça de Deus, motivos para expressões que de certo modo podem contribuir para o despertar que se impõe.

Foi o caso que, precisamente no dia em que nos veio parar às mãos «Sempre Pronto» de Janeiro, assistimos à exibição de um filme no qual a certa altura se lia: *Cada um tem direito à sua opinião.*

Logo nos ocorreu a coluna «Opinião dos Leitores», que «Sempre Pronto» passou a dispor para que todos possam pronunciar-se contra ou a favor, discutindo os problemas no mesmo focado.

Damos graças por já ter sido posto à discussão o que escrevemos intitulado «Caminhamos ou Retrocedemos?», baseado na transplantação de corações. Formulamos votos para que, através de opiniões sensatas, venham a aclarar-se ideias sobre muitas coisas que, parecendo boas, são más e vice-versa.

Joaquim S. Picarreta

Esta coluna é sua, prezado Leitor. Todas as opiniões emitidas neste jornal podem e devem ser discutidas. Dê a sua opinião, aprove ou discorde, diga o que pensa. Escreva-nos!



Roberto da Silva Canuto

Em 24 de Janeiro último, faleceu em Cascais o sr. Roberto da Silva Canuto, de 70 anos de idade, que era pai da sr.ª D. Marina Canuto Nunes e dos srs. Paulo Francisco, Luís e José Manuel Ribeiro Canuto.

O extinto, que foi um dos primeiros escoteiros do Grupo n.º 1 dos Escoteiros de Portugal, foi trabalhador dedicado nas actividades editoriais. Foi recentemente o chefe da redacção do jornal «O Castanheirense», de Castanheira de Pêra.

A todos os Ex.mos amigos da família enlutada e bem assim ao nosso prezado colega «O Castanheirense», apresentamos condolências muito sentidas.

* * *

Faleceu recentemente a mãe extremosa do sr. Comandante Daniel Farrajota Rocheta, chefe nacional adjunto do CNE.

À família enlutada, apresentamos sentidos pêsames.

A CRIANÇA E O JOGO

Por MANUEL DA FONSECA VAZ

Do «Boletim da C. P.» transcrevemos, com a devida vénia:

Está por demais provado que a tendência para o jogo é nata nas crianças e qualquer que seja o ponto do globo onde essas crianças nasçam, a semelhança dos jogos praticados é enorme. Assim escreveu Dudey Kidd, que nada faz sentir melhor a um europeu o seu parentesco com os cafres como a contemplação dos jogos das suas crianças, pois quase todos os jogos praticados na Europa pelas populações infantis e que não exijam instrumento especial são conhecidos pelos cafres.

Como se sabe, a criança desde tenra idade começa a jogar e é através dessa actividade lúdica que adquire plasticidade, isto é, patenteia a sua autonomia e personalidade.

De facto, pouco tempo depois de nascer já ela bate com os pés no berço, mexe os braços como quem faz exercícios ginásticos, bate na cabeça, agarra os objectos para depois os deixar cair e articula sons que podem ser de prazer ou de desprazer.

O acto de a criança agarrar um objecto para depois o deitar fora foi interpretado por Freud como uma agressividade.

Outros psicólogos posteriores chegaram à conclusão de que o jogo não é só agressão mas também uma fonte de prazer.

No fundo, não são mais do que jogos funcionais, pois é através deles que a criança conseguirá mais tarde andar, falar e manipular, processando-se assim a sua maturação bio-psíquica.

Vejamos agora o que dizem alguns pedo-psicólogos a este respeito:

Groos — O jogo tem por missão o exercício das funções.

Jean Chateau — A criança é um ser que joga e nada mais.

M. Debesse — O jogo permite-nos observar a criança inteira, tanto na sua vida motora e afectiva, como social ou moral.

Claparède — A infância serve para jogar e para imitar.

Estes admiráveis conceitos mostram à saciedade que o jogo é tão necessário à infância como o pão para a boca.

Não se deve, portanto, impedir que as crianças brinquem, mas antes proporcionar-lhes a maior liberdade possível nos seus jogos, a fim de que se processe normalmente o seu desenvolvimento quer no aspecto fisiológico quer no aspecto psicológico.

Desconfiar sempre das crianças muito sossegadas, pois pode ser sintoma duma deficiência mental.

Hoje em dia existe uma infinidade de jogos, alguns deles bastante interessantes, até sob o ponto de vista técnico-científico, mas que apenas podem ser utilizados por um reduzido número de crianças por serem extremamente caros. Outros jogos há que são nefastos sob qualquer ângulo que os vejamos, particularmente um que me repugna sobremaneira: o jogo das armas ou dos polícias e ladrões.

Na verdade, para onde quer que vamos, surgem-nos com frequência, nas ruas, rapazinhos com metralhadoras e pistolas, perseguindo-se uns aos outros, ora em atitudes de combate, ora imitando os *cow-boys* do *Far West*, o que nos impressiona imenso pelas graves consequências que daí podem advir na formação da personalidade do futuro adulto.

Em carros eléctricos tenho visto, ao colo dos pais, meninos de expressão meiga e suave com um pistolão ou dois à cintura.

Sei bem que essas armas são inofensivas; porém, o certo é que as crianças compenetram-se por tal forma do seu papel de caçadores de índios ou de ladrões que por vezes às ocultas dos progenitores trocam esses brinquedos por armas verdadeiras e as levam para a rua ou para a escola a ponto de se terem registado nestes últimos anos bastantes desastres mortais.

Bastavam estes casos confrangedores para os pais deixarem de presentear os seus filhos com esses brinquedos de mau gosto.

E naturalmente recordo com saudade os jogos que fizeram a delícia e o encanto da minha infância, tais como: a bilharda, o pião, o berlinde, o diabo, o *yo-yo*, etc...

O desaparecimento destes jogos dos hábitos infantis deve-se em parte ao Cinema, à Televisão e às revistas de aventuras em conjugação com a aquiescência dos pais, que por ignorância ou comodismo consentem que os seus filhos vejam com frequência filmes de aventuras donde extraem os seus jogos, como resultado de pretenderem imitar os protagonistas.

Dada a grande receptividade da criança é evidente que ela tanto pode ser influenciada no mau sentido como no bom sentido. E se assim é, porque não havemos nós de a encaminhar no bom sentido?

Um episódio ocorrido em Espanha em 1965 revela bem que a preferência dos rapazes pelos brinquedos bélicos pode, em certas circunstâncias, por vezes fortuitas, deixar de ter lugar.

Ora neste ano deram-se no país vizinho dois acontecimentos desportivos de repercussão mundial: o tenista Manuel Santana conquistou o título de campeão mundial de ténis em Wimbledon e a equipa espanhola de ténis obteve brilhante vitória na Taça Davis.

A divulgação destes jogos pelo Cinema e pela Televisão impressionou tanto as crianças espanholas, que no Natal desse ano a maioria delas escreveu ao Menino Jesus a pedir-lhe uma raqueta de ténis.

É claro que no Natal de 1965 as lojas de brinquedos deixaram de vender grandes quantidades de armamento infantil.

Creio que este exemplo ilustra bem a linha do meu pensamento, isto é, a criança é um ser que se molda fàcilmente, dada a plasticidade do seu espírito em plena evolução. Necessitamos, portanto, de mãos delicadas e hábeis capazes de trabalhar, no melhor sentido, esse barro macio e sensível por forma a tornar a criança um elemento útil à sociedade.

Sabendo, pois, que o jogo não poderá ser um fim em si mas apenas um dos meios mais eficazes da educação da criança, há que eliminar os jogos com possibilidades de terem efeitos perniciosos nas crianças e de as afectar pela vida fora, tornando-as elementos nocivos à sociedade.

Para realçar a minha inteira discordância do uso das armas como actividade lúdica, vou transcrever um pequeno trecho do poema Dia de Natal, da autoria de António Gedeão:

Jesus
o doce Jesus
o mesmo que nasceu na manjedoura
veio pôr no sapatinho
do Pedrinho
uma metralhadora.

Que alegria reinou naquela casa em [todo o santo dia.
O Pedrinho, estratègicamente escon-[dido atrás das portas fuzilava tudo
[com devastadoras rajadas
e obrigava as criadas
a caírem no chão como se fossem [mortas:
tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá
Já está!

E fazia-as erguer para de novo matá-las
E até mesmo a mamã e o sisudo papá fingiam
que caíam
crivados de balas...

Procurar por todos meios ao nosso alcance interessar as crianças e os adolescentes em idade escolar no desporto é uma das melhores formas inibidoras da agressividade através do uso de armas — primeiro passo da delinquência juvenil!

Boas-Festas a «SEMPRE PRONTO»

Mais alguns amigos tiveram a gentileza de nos dirigir cumprimentos por ocasião da passagem do nosso aniversário e do Ano Novo. É o caso dos nossos companheiros srs. Luís Simões Aurélio e Albano da Silva, ambos de Lisboa.

De Braga, o nosso prezado colaborador sr. Prof. António Álvaro Dória também envia felicitações e votos de *ad multos annos* para a «Família de Sempre Pronto». Outrossim, o nosso estimado amigo sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, de Angra do Heroísmo, formula votos de felicitações a este jornal que, *«mau grado as muitas dificuldades e escolhos encontrados no seu caminho, vem continuando a exercer a sua persistente e incansável acção»*. E termina, afirmando: *«As nossas felicitações são extensivas à incansável direcção, corpo redactorial, e colaboradores de «Sempre Pronto», que com tanta dedicação, sacrifício e espírito de compreensão, vêm mantendo o jornal no apreciável nível literário e técnico em que se encontra»*.

Agradecemos estas provas de amizade que, com muito gosto, retribuímos.

Um militar em serviço no Ultramar Português

procura correspondente que lhe fale de Escotismo

O soldado Eduardo Diogo Lemos, em serviço no Ultramar, escreveu-nos a pedir a remessa do nosso jornal, oferta que imediatamente fizemos. Este jovem escreve-nos agora interessado pelo Escotismo, dizendo que gostaria de trocar correspondência com alguém que o instruísse acerca do nosso Movimento. Aqui fica o apelo.

O endereço é S. P. M. 7964.

DESPORTO ESCOTISTA

Três escoteiros

bateram o recorde de ténis de mesa

LONDRES — Três escoteiros afirmam ter batido o recorde de ténis de mesa, consecutivo: efectuaram quatrocentas partidas, em 61 horas e 2 minutos.

O recorde anterior, com 60 horas, pertencia a um clube de juventude.

SEMPRE PRONTO

Número 274

Fevereiro de 1968

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

PEQUENA CRÓNICA DE LISBOA

A Sé Catedral

por **Luís Simões Aurélio**

II

A Sé de Lisboa, como acentuámos no artigo anterior, é uma construção do século XII, portanto, no estilo dessa época, o Românico, apresentando as características inerentes a todas as construções religiosas deste estilo, tais como traçado da planta em forma de cruz latina, transepto, em cujo centro se situa o cruzeiro, trifório, três ordens de naves, sendo uma central e duas laterais, além de muitas outras particularidades arquitectónicas que são atributo deste estilo medieval.

Por que motivo se acha tão profundamente enraizada no lisboeta a tradição de se encontrar a nossa Sé edificada sobre os fundamentos de uma mesquita moura? Quem teria sido o arquitecto que concebeu o seu traçado? Possìvelmente, perguntará ainda o leitor: Como se compreendem estas dúvidas e interrogações acerca de um monumento tão importante e principal na vida de Lisboa?

Procuraremos dar resposta a estas interrogações, por ordem inversa. Deste modo, começaremos pela última. Só muito modernamente os estudos olisiponenses atingiram notável desenvolvimento. Embora outras obras já existissem sobre Lisboa, pode afirmar-se ter sido a partir de Júlio de Castilho, autor de «*Lisboa Antiga*», de «*O Bairro Alto*» e de «*A Ribeira de Lisboa*», que estes estudos passaram a ter grande incremento. Filho desse grande vulto das letras que foi António Feliciano de Castilho, o Autor de «*Lisboa Antiga*», tal qual seu pai, aliava a uma grande sensibilidade artística ainda as suas eminentes qualidades de historiador e arqueólogo. As obras citadas, monumentos que nos legou, produto das suas investigações e pesquisas nas bibliotecas e arquivos, foram o facho que iluminou o caminho e abriu amplos horizontes a estes estudos. A Júlio de Castilho, cujo monumento desde 1929 se ergue no Miradouro das Portas do Sol, outros olisipógrafos se seguiram, dignos continuadores da obra encetada, como o Engenheiro Augusto Vieira da Silva, militar e arqueólogo, que nos deixou, entre outros valiosos trabalhos, «*O Castelo de S. Jorge*», «*A Cerca Moura*», «*A Cerca Fernandina*» e «*As Muralhas da Ribeira de Lisboa*». Matos de Sequeira, outro digno continuador da obra do Mestre, autor de vasta bibliografia sobre Lisboa, entre a qual se destaca a sua incomparável obra «*O Carmo e a Trindade*».

A estes três insignes olisipógrafos, outros nomes se sucederam, todos no anseio sempre crescente e apaixonante de desvendar esta Lisboa que a todos prende e encanta, uns infelizmente já desaparecidos do nosso convívio, outros ainda felizmente vivos e que vão continuando com o produto das suas pacientes investigações a tornar possível o aparecimento da, já hoje vastíssima, bibliografia olisiponense. Aos Serviços Culturais da Câmara Municipal de Lisboa cabe papel de grande relevo na reedição de obras de grande interesse histórico sobre Lisboa, há muito esgotadas, e na promoção do aparecimento de novas obras, pondo assim ao alcance dos estudiosos o que, até há poucos anos, só era possível consultar nas bibliotecas.

O incêndio que na Sé se seguiu ao grande terramoto de 1755 destruiu grande parte da documentação que poderia ter servido para estudos, possìvelmente concretos, quanto às origens do histórico monumento, se é que tal documentação ainda existia e não tivesse sido anteriormente destruída por ocasião dos sismos que flagelaram Lisboa no século XIV e na catedral operaram grandes estragos. Tal dificuldade, porém, não se apresenta apenas relativamente à Sé de Lisboa, mas é uma das que se têm deparado aos investigadores respeitante a outros monumentos da capital. Eis, pois, por que tantas dúvidas subsistem. Em resumo, as fontes que poderiam ser consultadas com probabilidades de êxito desapareceram, em parte, muito antes do desenvolvimento que vieram a atingir os estudos olisiponenses.

Teria existido uma mesquita moura no local onde está erigida a Sé?

A Lisboa Mourisca tinha o seu núcleo defensivo no Castelo de S. Jorge do qual partiam as muralhas que nele começavam e nele vinham a terminar depois de, no seu longo percurso, abraçarem a cidade que dentro dessas muralhas ficava contida. A este conjunto defensivo, Castelo e Muralhas, têm sido atribuídas várias origens quanto à época da sua construção. Romana, Visigótica, Muçulmana? A mais generalizada e aceite, aliás com fundamento, atribui aos Mouros a sua construção e, daqui, o designar-se por Cerca Moura e Castelo dos Mouros toda essa obra defensiva da cidade. Só no reinado de D. João I, o Castelo de Lisboa, por determinação do Rei, passou a chamar-se Castelo de S. Jorge (*). As fortes muralhas da Sé apresentam uma contextura análoga ao que ainda resta e é visível da Cerca Moura, que, como atrás ficou dito, tanto pode ter sido Romana, como Visigótica ou Muçulmana. Daqui, o admitir-se ter existido no local em que está edificada a Sé um templo cristão do período visigótico, que os Mouros teriam tolerado, sabido como é que estes permitiram o culto cristão da Península Ibérica sob o seu domínio. Pode, porém, muito bem ter acontecido que os Mouros alguma vez se apoderassem do templo visigótico e o transformassem em mesquita e, mais tarde, quando da conquista de Lisboa, D. Afonso Henriques tivesse mandado ampliar o templo, que antes fora cristão, passara a ser mouro e, novamente, cristão. Teria sido daqui que se originou a lenda da mesquita moura?

A narrativa mais antiga que se conhece da conquista de Lisboa aos Mouros é da autoria de um cruzado inglês chamado Osberno, que tomou parte no cerco e conquista da cidade. Refere-se ele a um templo que se sustentava sobre sete ordens de colunas e que, depois de purificado pelo arcebispo e quatro bispos, ali foi instalada a sede do bispado. Logo, não se afigura de todo infundamentada a tradição da mesquita moura. Uma coisa todavia é certa: nas obras de demolição a que houve de se proceder por ocasião das obras de restauro da Sé, nada se encontrou que viesse confirmar tal tradição.

Assim o afirma o Arquitecto António Couto num valioso estudo sobre a época da construção da Sé, inserto na reedição (ano de 1936) do volume V da «*Lisboa Antiga*», de Júlio de Castilho, no qual, depois de nos citar tudo levar a crer ter sido fundador da Sé D. Afonso Henriques e não se tratar de um monumento de tão remota antiguidade, que uns têm comparado a Santa Sofia de Constantinopla e outros a mesquita moura, diz não ter visto nem encontrado na Sé nenhuns vestígios destes estilos, terminando com as palavras que passamos a transcrever: «Se acaso qualquer fragmento dessas arquitecturas existe, deve estar a muitos palmos abaixo do actual terreno, possìvelmente no mesmo local em que outro edifício religioso aí tivesse sido construído».

Qual o arquitecto que teria concebido o traçado da Sé?

É ainda ao estudo acima citado, de António Couto, riquíssimo subsídio para a história do notável monumento, que vamos procurar a resposta. Deste modo, transcrevemos: «A igreja da Sé, mais uma vez o afirmo, é construção realizada após a conquista de Lisboa, convencendo-me ter sido seu traçador (não é a primeira vez que o digo) algum monge normando que acompanhasse os cruzados, como era de uso; e que D. Gilberto, primeiro bispo de Lisboa e inglês de origem, conhecendo-o, o tivesse indicado a D Afonso Henriques como arquitecto competente para criar obra de vulto, visto os caracteres que apresenta este monumento se assemelharem aos da escola da Normandia, uma das escolas em que se divide o estilo românico».

Depois de tão eminente autoridade no assunto, nada mais temos a acrescentar, tudo ficou dito.

(Continua no próximo número)

(*) Ver «Sempre Pronto» n.ºs 193/194 de Maio e Junho de 1961.